

Mostrar a construção do consenso atual do IPCC, tijolo a tijolo, com as principais contribuições científicas desde o início do século XIX, passando por Fourier, Tindall, Wiem, Arrhemius, Calendário, Keeling entre outros, que por sua vez fizeram uso de outras contribuições como sempre ocorre na Ciência ("Sobre os ombros de gigantes"), sem adjetivos ou especulações, somente com dados e fatos, afasta qualquer suspeita de que as conclusões, previsões e recomendações do IPCC (do qual participam cientistas de 194 países) não seja confiável, podendo-se afirmar que está muito mais para conservadora do que para alarmista.

Ao navegar nos dados sobre emissões de GEE (CO<sub>2</sub>eq) do mundo, do Brasil e do Estado de São Paulo contribuiu para demonstrar a importância relativa de cada fonte em cada um destes lugares e destacar os avanços que decisões passadas de investimento em energia sustentável, especialmente Hidroelétricas (que hoje sabemos não serem tão sustentáveis como imaginávamos, em muitos casos até o oposto) e Etanol, deram para o Brasil e para São Paulo. Somente 4 países no mundo tem uma participação de energia limpa maior que a do Brasil, que é de 42%. São Paulo vai ainda além e ostenta a invejável participação de energia limpa de 62%.

Em tempos recentes houveram avanços importantes na Eólica (que ainda tem muito potencial a ser explorado), avanços insuficientes na redução de emissões de carbono no transporte de cargas (marítimo, fluvial, trens, biodiesel e eficiências), na mobilidade urbana coletiva com fonte renovável e na melhoria das eficiências energéticas de um modo geral (vide União Européia) e quase nenhum avanço na mobilidade por bicicletas e veículos elétricos. Nossa posição mundial seria boa não fora o fato do governo atual rejeitar a ciência e promover o descaso total com o meio ambiente de uma forma geral, a devastação da Amazônia em particular.

Muito esclarecedor o dado de que a mudança do uso da terra (LUC em inglês), Amazônia inclusa, representa mais da metade de nossas emissões enquanto a Amazônia representa 1% de nosso PIB (tendo a biodiversidade um potencial econômico gigantesco e as riquezas minerais poderem ser exploradas sem devastação), enquanto o Agronegócios representa 25% das emissões e 30% do PIB. A total incoerência na relação custos/benefícios das prioridades escolhidas pelo atual governo federal, e em menor grau ou pelo menos mais disfarçadamente por tantos outros governos ao longo de nossa história, mostra a importância de considerarmos com seriedade a proposta do professor de que no mínimo os governos federais e estaduais deveriam ter em suas estruturas um Cientista Chefe (ajudaria muito se os governantes acreditassem que a terra é redonda e que a ciência não é uma das hipóteses disponíveis).

Exige uma reflexão profunda e muitos debates para construirmos soluções o dado apresentado sobre nossa indústria que representa hoje somente 2% de nossas emissões de CO<sub>2</sub>eq, infelizmente não por ser extremamente eficiente e produtiva mas lamentavelmente por estar no mesmo rumo que nossa biodiversidade.